

Professando o quê, professor?!

Júlio Furtado¹

Já se foi o século em que professor significava “professar” o conteúdo e com ele, partiu, também, a vã idéia de que para ensinar bastava saber muito. Através do tempo, o professor se consagrou como aquele que professa a verdade. O tempo passou, a verdade foi colocada em dúvida e o professor se viu diante da necessidade de se reconstruir. Indo um pouco adiante nas definições e sinônimos dicionarizados, constatamos que *aquele que professa* também é *aquele que confessa, aquele que abraça (uma causa), aquele que adota (um ideal)*.

É a partir desses outros significados, que encontramos espaço para uma reflexão sobre a dinâmica do tornar-se, fazer-se, manter-se e, por que não, reinventar-se professor. Utilizando os próprios verbos dicionarizados, podemos dizer que essa caminhada exige que o professor “*confesse*” seus não saberes e não poderes, “*abraçe*” o compromisso de se reinventar e “*adote*” uma atitude de aprendizagem permanente. Em tempos de mundo em reforma não há verdades “professáveis”.

Ser o que a sociedade considera um bom professor pressupõe o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais completamente ausentes dos currículos dos cursos de formação docente. Se acrescentarmos a isso as novas exigências legais, resultantes da ampliação da ação docente, uma formação voltada para a aquisição e aprimoramento de habilidades pessoais e sociais ganha um peso quase que predominante na formação desse profissional.

Utilizaremos, para essa reflexão, o suporte teórico da abordagem gestalt-terapêutica, uma linha existencial-humanista, que trabalha com a visão integrada do ser humano. Segundo essa visão, todo comportamento genuíno precisa primeiro possuir significado interno para que possa ser externado com a devida intensidade e credibilidade, necessária ao ato educativo. Isso corresponde à afirmação de que um professor precisa consolidar, internamente, diversos constructos para que possa, realmente, trabalhá-los em

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana, Cuba. Mestre em Educação pela UFRJ, Pedagogo, Psicólogo, Gestalt-terapeuta.

sala de aula, tornando-se consciente de suas potencialidades e limitações em cada tema ou atividade que desenvolve.

Não irá desenvolver a *autonomia* em seus alunos, por exemplo, o professor que, como pessoa, não tiver consciência de seu grau de autonomia construído ao longo de sua história de vida. Não estamos falando de pessoas perfeitas, muito pelo contrário. Estamos falando de pessoas reais, inteiras, de carne e osso. Pessoas que se autopercebam como um todo e reflitam, constantemente sobre suas experiências. Pessoas que encarem o desafio de viver o aqui-e-agora.

Professores são pessoas que promovem e facilitam a construção de pessoas. Nessa tarefa, é inevitável que ocorra o processo de projeção, que se caracteriza pela percepção, no outro, de questões que não podem ser percebidas em nós mesmos. É aí que se justifica a necessidade desses profissionais formadores estarem, o mais plenamente possível, em contato com seus sentimentos e valores. Educar é tarefa que só se realiza, de fato, quando quem educa se disponibiliza por inteiro. Não estamos falando de uma tarefa simples, pois mostrar-se por inteiro exige aceitar-se por inteiro e, aceitar-se por inteiro significa conhecer-se por inteiro com as luzes e sombras inerentes a qualquer ser humano.

É exatamente essa, a função da consciência prévia da realidade subjetiva por parte do professor: poder ser, o mais plena e integralmente possível, para, com isso, facilitar o vir-a-ser de seus alunos. Nada educa tão eficazmente quanto a maneira de ser e uma forma inteira e responsável de ser talvez seja a forma mais efetiva de se praticar a Maiêutica socrática. O outro nos autoriza, em diferentes níveis, a descobrir e deixar fluir o humano que há em nós. O resultado disso é um autoconhecimento que nos permite fazer escolhas conscientes na vida.

A abordagem gestáltica da Educação está interessada na espontaneidade do organismo, na revitalização da capacidade do indivíduo funcionar espontaneamente, ou seja, de seguir seu fluxo natural de *contato, transformação e mudança*. Não estamos aqui fazendo a apologia do espontaneísmo. Isso seria, no mínimo, irresponsável, num mundo de relações sociais em que os filtros, impostos pelas regras, são pré-condições para uma vida saudável. A espontaneidade, à qual a abordagem gestáltica se refere, não

é nenhum tipo de "laissez faire", muito pelo contrário, envolve *controles*. Estes, de certa forma, regem o fluxo espontâneo. São eles:

a) **Controle deliberativo** - controle do comportamento do indivíduo a partir da capacidade deliberativa dele mesmo. Para isso, precisamos perceber as consequências que a nossa maneira de ser provoca no outro. Por mais difícil e, às vezes, doloroso que seja, esse é o único caminho para sermos livres nas relações que estabelecemos. Livres para escolhermos assumir as consequências do nosso comportamento ou para mudá-los, caso não “banquemos” tais consequências. É esse o controle que falta às pessoas que, por exemplo, invadem os espaços alheios e se vitimizam quando limites lhes são impostos.

b) **Controle homeostático** - advém do funcionamento próprio do organismo que busca o equilíbrio interno. Esse controle nos é natural e o que impede seu funcionamento é a falta de percepção dos sinais que nosso organismo nos dá. Quantas vezes ignoramos uma angústia, um incômodo, uma desmotivação e seguimos adiante com um comportamento autoagressivo? O controle homeostático é tão eficaz que mesmo assim ele continua a nos avisar. A angústia vira depressão, o incômodo, irritação constante e a desmotivação nos obriga a gastar uma energia que muitas vezes não temos para cumprir uma simples tarefa.

Estes dois tipos de controle obedecem às influências do meio. Seja psicológico, seja social ou seja de origem interna do organismo, de modo a se adaptar às solicitações e às necessidades. Todo exagero leva ao desequilíbrio. Não estamos aqui descrevendo os padrões de funcionamento neurótico que são os exageros dos controles, de maneira que o funcionamento espontâneo se torne incapaz de regular o potencial de sanidade do indivíduo. Nesse ponto, destaca-se mais uma vez a necessidade do autoconhecimento para que possamos estar sempre em busca do meio-termo.

Quem exerce a função de educar precisa ser um instrumento de facilitação do funcionamento espontâneo do educando, de forma que este possa adquirir naturalmente os controles deliberativo e homeostático. O contrário disso caracteriza o ato de “deformar”.